



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

EDA HOMRICH DA JORNADA

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-

Entrevistado/a: Eda Homrich da Jornada

Nascimento: 03.02.1947

Local da entrevista: CEME

Entrevistador/a: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Data da entrevista: 26.11.2014

Transcrição: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Copidesque: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Pesquisa: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1h 06min.

Páginas Digitadas: 11 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de Dança de João Luiz Rolla.

<p>O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.</p>

Sumário

Identificação; Data de nascimento; Início na dança; Escola de Dança do Professor João Luiz Rolla; Metodologia e o uso da varinha; Criação Coreográfica; Espetáculos de Dança; Formação do Professor João Luiz Rolla; Localização da Escola; Período após a formação o contato com o Professor Rolla; Escolas da época; Encerramento da escola; Bailarinos da Escola com projeção artística; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 26 de Novembro de 2014. Entrevista com Eda Honrich da Jornada a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Qual teu nome completo?

E.J. - Eda Honrich da Jornada

M.C. – Qual tua data de nascimento?

E.J. – 03 de fevereiro de 1947

M.C. – Gostaria que tu falasses como aconteceu a tua aproximação a dança.

E.J. - A música sempre esteve presente em minha vida. Quando pequena, meu pai sempre nos fez ouvir muita música clássica, música erudita. Eu acho que o ambiente da música desperta nossa sensibilidade. Aos domingos, só para teres uma ideia, a gente não conseguia dormir muito... primeiro porque não era a filosofia do meu pai. Ele não admitia que a gente ficasse em um dia bonito de sol na cama. Então tinha três coisas que nos acordavam dispostas: o cheiro do café maravilhoso que subia as escadas e chegava até nós, a janela aberta com o sol entrando e uma música bem revigorante, por exemplo, as danças húngaras de Brahms. Isso nos fazia saltar da cama. Depois ele nos botava no serviço! Eu tenho duas irmãs e sou a do meio. Somente eu era apaixonada pela dança. Minha irmã mais nova a Margarete¹, também tentou dançar balé na escola do Rola mas não se deu bem porque ela tinha um temperamento mais explosivo. Foi no tênis que ela canalizou toda sua energia. Quem gostava muito de balé era a minha mãe. Isso foi muito importante. Quando se é pequena, pra ter esse despertar com a dança cedo, alguém precisa te guiar. Do contrário, a oportunidade para desenvolver algo que ainda desconhecemos na tenra idade pode não ocorrer. Era ela que me levava para assistir filmes de balé e quando chegava em casa, eu ficava dançando, dançando, dançando. Porque eu queria ser bailarina naquela época. E assim que tive idade suficiente, fui para escola da Tony Seitz Petzhold que ficava nos fundos do Teatro São Pedro. Também davam aulas naquele local, a Lya Bastian Méier

¹ Nome sujeito a confirmação

e o Rola. Não lembro dele, mas minha mãe ouvia falar que ele era um bom professor. Era pequena na época. Deveria ter uns cinco anos. No tempo do calçãozinho preto de cetim, blusinha de algodão engomada branca e sapatilha preta. Eu não era aluna dele, era aluna da Tony embora nunca tivesse tido aulas com ela. As iniciantes, como eu, em geral tinham aula com outra professora. Nas aulas nós fazíamos barra, saltos... eu lembro que a professora, para nos estimular a jogar as pernas pra cima no salto, tinha um pandeiro. Ao saltar deveríamos fazê-lo soar ao bater nele. Estudei dois anos e então parei por outros três. Naquela ocasião mudamos do bairro Floresta para o bairro Petrópolis. Ficou então muito contramão para minha mãe... e meu pai não tinha condições de me levar na escola. Eu acho também que mais ou menos naquela época ou um pouco depois a própria Tony foi para o bairro Floresta. A locomoção tornou-se ainda mais difícil. Fiquei sentindo-me a mais infeliz das criaturas. Tanto pedi para voltar a dançar que minha mãe voltou a me matricular no balé. Dessa vez no Rola. A Escola ficava na rua Marechal Floriano, no primeiro andar. Naquela ocasião minha mãe ainda me levava e buscava. Depois tive que me virar sozinha. E assim segui por muitos anos. Inicei meus estudos no preparatório, fiz o primeiro ano ainda sem colocar pontas e entrei no segundo, quando finalmente a gente colocava as pontas. Mal coloquei a ponta e pulei para o terceiro ano. Eu não fiz o segundo ano. Amava tanto a dança e esforçava-me de tal forma que Rola, mesmo com sua fama de enérgico me dizia: “não te esforça tanto!” Certamente devia ficar como um pimentão pelos força que fazia [risos] Mas eu adorava tudo aquilo. As meninas, às aulas...

M.C. – E como eram as aulas?

E.J. – Era ele mesmo quem dava aula. Começava na barra com plies, degajes, adágio e depois tinha os exercícios de centro: saltos, giros.

M.C. – E para que ele usava a varinha em aula?

E.J. - A varinha que ele usava em aula era uma maneira extremamente respeitosa dele nos cutucar mostrando onde é que devíamos esticar, onde tínhamos que corrigir a postura. Também a usava batendo na barra para fazer barulho e interromper alguma rara dispersão ou conversa indesejada. Sempre foi sempre extremamente cavalheiro e educado.

M.C. – E como acontecia à criação coreográfica do professor Rola?

E.J. – O Rola foi pra mim o melhor coreógrafo que nós já tivemos aqui no sul! Indubitavelmente! A palavra tem que ser essa mesma para reforçar essa qualidade! Ele foi um coreógrafo original. Fazia grandes espetáculos que não eram meramente uma coletânea de danças. Enquanto as outras escolas apresentavam na maioria das vezes em seus espetáculos fragmentos de balés de repertório ou então um número em que a bailarina dançava, por exemplo uma valsa, já em outro uma mazurka, um sem conexão com o outro, Rola fazia espetáculos com uma unidade. Um exemplo foi o balé o Grand Canyon Suite que era composto de vários balés: o dos Muares, com os famosos 32 fuettes da Zelira², o Raiar do Dia, o Crepúsculo, a Tempestade, em suma, um dia típico no deserto do Gran Cãnion. Todos os aspectos da apresentação, desde a coreografia, os figurinos, o cenário, a iluminação, tudo era minuciosamente estudado, tudo era ricamente detalhado. Chamava estilistas de nome como Catani para desenhar os figurinos. Quanto à música, como não tinha orquestra, era piano que tocava para nós. Eventualmente gravação de orquestra era transcrita em laboratório de som. Também contratou pianistas de renome para ensaiar e gravar as musicas de alguns espetáculos. Lembro-me do Chopin gravado pela Norma Appel Bojunga, dos estudos sinfônicos de Schumann pelo Roberto Sidon. Tivemos a oportunidade de conhecê-los pessoalmente! Outro exemplo de coreografia original foi O Circo. Criado quando ainda era pequena e dedicado às classes infantis. O cenário era constituído por uma lona suspensa do teto, cobrindo o palco e o picadeiro. Como dona do Circo, usava, cartola, fraque, capa e luvas brancas. Fazia alguns movimentos com a capa, olhava para a plateia, tirava as luvas, o chapéu, batia palmas para chamar os empregados que faziam a montagem e dai começava a música e o espetáculo. Havia malabaristas, equilibristas, trapezistas, cavalinhos, macaquinhos e até um leão! Cada personagem constituindo uma dança dentro daquela história. No gran finale descíamos do palco num grande desfile. Naquele tempo o teatro São Pedro tinha o corredor central na plateia. Era por esse corredor que finalizávamos o balé.

M.C. – Como estas criações chegavam até vocês?

² Zelira Eichemberg, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla

E.J. – Os balés infantis já vinham prontos. Mas os balés mais adultos, embora já com a ideia e alguns movimentos concebidos por Rola, muitas vezes não estavam prontos. A sua coreografia ia aflorando a medida que nos observava executando os movimentos que nos pedia. As vezes era uma aluna, outra vez outra a que entendia melhor sua ideia e ela era chamada para realizar o movimento para que as demais vissem. Então a ideia ia crescendo e se concretizando como coreografia. A composição era dele, mas ele também nos tinha como fonte de inspiração. Quando o trecho em estudo estava devidamente aprovado era transcrito para a partitura com ajuda da pianista. No balé os passos tem designação e assim podemos traduzir em palavras os movimentos. O fato de contar com pianista ao vivo foi outra coisa maravilhosa não só nesse momento. O elo entre música e movimento é muito intenso, como acontece nos espetáculos de grandes companhias de Dança com orquestra ao vivo. Em um dia a bailarina está muito inspirada e fica uma fração de segundo a mais no equilíbrio e a orquestra segura um pouco mais o compasso. Se ela dá uma falhadinha, o maestro conduz mais rápido. Então é uma coisa assim muito... Interativa, existe um elo entre a orquestra e a bailarina.

M.C. – O que tu sabes dizer sobre a formação do professor Rola?

E.J. – O professor Rola foi primeiro um atleta quando jovem. E também gostava muito de dançar em bailes. Ele era um ótimo pé de valsa, ele dançava muito bem. Não sei como chegou até Dona Tony... não sei se ela o viu dançar em uma dessas apresentações e o convidou. Só sei que a formação como bailarino foi na escola dela. Tony era uma excelente professora. Foi lá que se deu seu desenvolvimento, tanto que foi o seu partner! Isso eu não cheguei a ver. Porque quando eu era pequena eles já não dançavam juntos. Como ela era também uma pessoa exigente e o fato de tê-lo escolhido como par para dançar certamente estimulou ainda mais seu desenvolvimento. No entanto Rola foi também um excelente professor e para isso não precisaria ter sido um bom bailarino, embora ele tivesse sido. Ser bom professor requer saber corrigir, ver os defeitos na execução do aluno. Rola sempre leu muito, visando aprimorar seus conhecimentos. Creio que também manteve vínculos com o Teatro Cólón. Ele sempre foi muito coerente em seus ensinamentos. Não deixava colocar ponta antes de certa idade. Acho que foi só com a Zelira que aconteceu isso. E é isso que eu sei da formação dele.

M.C. – Tu sabes dizer em quais locais a escola funcionou?

E.J. - Na fase inicial foi no prédio onde ficava o cinema Cacique. Esta época não vivenciei. Meu primeiro contato com a escola foi na rua Marechal Floriano, depois ela foi para a avenida Alberto Bins. Posteriormente mudou-se para o Auditório Araújo Viana, onde em troca do espaço, Rola ficava encarregado da montagem de balés que fossem requeridos nos espetáculos lá encenados, como foi o caso da ópera Aida de Verdi, inesquecível para quem a assistiu. Mas quando eu estava com dezoito anos, tive uma pressão muito grande da minha família para deixar o balé. Receavam que quisesse ser bailarina profissional. E essas coisas todas eram complicadas naquela época. Acabei saindo quando a escola estava no Auditório Araújo Viana.

M.C. – E quando tu paraste de dançar balé?

E.J – Não é uma pergunta simples. Aos dezoito sai da escola do Rola para fazer vestibular. Formei-me em Física na UFRGS onde segui a carreira acadêmica como professora e pesquisadora. Mas o balé sempre esteve dentro de mim. Nos primeiros anos, sofri com o desligamento. Não conseguia nem assistir a filmes de balé. Mas aos poucos fui refazendo meus contatos neste mundo, mas de forma mais apropriada. Rola convidava-me todos os anos para integrar a banca examinadora das alunas formandas bem como para ministrar aulas de mímica para as mesmas alunas. Essa história é bem interessante. As turmas do último ano de estudos, tinham, ocasionalmente, aulas com outros professores para enriquecer e diversificar o conhecimento em dança. Souvarine³ ou Piti foi um deles. Ele nos ensinou mímica para a dança. Acabei me destacando e fiquei uma espécie de responsável para repassar os conhecimentos as demais alunas a partir de então. Algum tempo depois, ainda na casa dos vinte e poucos anos, tornei-me aluna da professora Jurema⁴, ex aluna da professora Tony. Lá reencontrei a Deia⁵, que participava das bancas do Rola também. Dancei uns três ou quatro anos com ela. Foi ótimo tê-la conhecido. Ensinou-me coisas muito valiosas. Foi com ela que descobri a importância da música em meu aprendizado de balé. Dai fiquei grávida mas infelizmente perdi o neném. Retornei a dançar até engravidar pela segunda vez e, com medo de perder de novo o bebê, parei com

³ Souvarine Louniev, professor de balé.

⁴ Nome sujeito a confirmação.

⁵ Nome sujeito a confirmação.

os exercícios. Tive o primeiro filho, o segundo filho, meu marido que também é físico e fizemos doutorado mais ou menos na mesma época, seguimos em frente fazendo pós-doutorado nos Estados Unidos e depois voltamos a Porto Alegre. Já estávamos com três filhos e ainda veio o quarto. Não havia tempo nem energia física para dançar. Dos nossos filhos, três são homens e uma menina. Quando estava com cinco anos, nossa filha também quis estudar balé. Por indicação da professora Jurema matriculei-a na escola da professora Maria Cristina Fragoso, da qual fiquei muito amiga. Na ocasião ela abriu uma turma para senhoras em sua escola e reiniciei meus estudos novamente. Dancei por um tempo nesta turma junto com outra mãe e ex aluna do Rola até a turma acabar pois só sobraram nós duas que não desistimos e fomos encaminhadas para as turmas convencionais. Lá também tive aulas com o professor Rola que atuou na escola da Maria C. Fragoso como convidado. Que coincidência! Minha filha já estava dançando muito bem e entrando na adolescência receava que eu, como uma pessoa mais velha que as demais, tinha então uns 40 anos, pudesse ser alvo de comentários... o que não acontecia porque eu sei que as meninas me tinha até como modelo. Para uma bailarina é importante saber que continuar dançando balé até mais tarde é possível. Então larguei novamente as aulas. Minha filha se formou no balé e foi uma bailarina maravilhosa! Se perguntar ainda hoje para a Maria Cristina ela vai dizer que foi uma das melhores alunas que teve. Daí ela passou por todas as aflições pelas quais passei. Teve que optar quando estava no último ano de direito. Também ela interrompeu os estudos. Depois ela fez também umas aulinhas avulsas. Mas eu ainda não parei aí! Descobri que a Maria Amélia⁶ tinha um grupo de senhoras na Vera Bublitz⁷ e juntei-me a ela. Mais tarde ela foi para outro local, por sinal indicado por mim que sabia do espaço maravilhoso da ex escola de Maria Júlia Machado Vago, e lá permaneci por um bom tempo. Já estava com 50 anos. Fui obrigada a parar devido a uma artrose, consequência de tantos anos de balé. Daí a minha vida de bailarina terminou. Hoje em dia só faço pilates e assisto filmes de balé.

M.O. - Quais eram as grandes escolas de dança daquela época?

E.J. – Existia a Salma Chamale, a Tony Seitz Petzhold, a Marina Fedossejeva e o Rola. Acho que a Eva Shul também.

⁶ Maria Amélia Barbosa, professora de balé.

⁷ Escola de balé em Porto Alegre.

M.C. – E o que significava dançar na escola de João Luiz Rola?

E.J. – Ele não se dedicava a formar bailarinos profissionais. Embora destacasse talentos individuais, seu foco maior era no coletivo, no grupo. Isso é o que era dançar no Rola, ao menos durante o período que estudei com ele. Se ele continuou conseguindo manter isto, não sei. Essa característica de destacar o grupo foi notável. Tínhamos essa noção de equipe e esse sentimento é o que nos une ainda hoje em dia. De alguma forma ele conseguiu criar, através da dança, esse clima de unidade entre nós.

M.C. – Temos registros que ele costumava usar apelidos carinhosos para as alunas

E.J. – Educa! Foi à única pessoa que me colocou um apelido! Porque alguém vai colocar um apelido em Eda? Poderia ser Edinha mas eu era uma pessoa que cresceu muito rapidamente. Atingi minha estatura de adulta aos 11 anos! Então para Edinha não dava. Eu era a Educa pro Rola.

M.O. - Tu teve destaque em algum balé?

E.J. - Eu sempre tive um papelzinho especial. Entrei no primeiro ano, pequenininha, dançando nos fantoches. Era a dona dos fantoches. No segundo ano no Circo, eu era o dono. Fazendo pequenos solos. Seus espetáculos consistiam em três partes: infantil, dança clássica e contemporânea. As alunas mais adiantadas dançavam essa duas últimas partes. No balé Finlândia, no ano em que pulei de adiantamento, dançava como Lottas Swards no grupo. Mas mesmo assim Rola destacou-me ao final, fazendo-me desfraldar a bandeira da Finlândia no topo de uma pirâmide formada por bailarinas. Como aluna mais adiantada tive outros destaques em solos como na Orquestra um balé constituído de instrumentos e temas musicais. Muito criativo! Lembro-me de um moderno: *La fille aux cheveux de lin* do Debussy, no qual éramos duas a executar nossos solos e outros mais.

M.C. – Sobre o momento em que ele encerrou as atividades da escola tu podes me contar algo?

E.J. – Nos ficamos sabendo que ele passava por restrições financeiras. Ajudamos de diversas formas. Lançamos um livro para angariar fundos, uma de suas alunas, que era vereadora na época consegui aposentá-lo e assim diversas ações sempre nos punham em contato com ele. Algumas vezes eu o trazia para almoçar em nossa casa. Acompanhei-o bastante quando estava nas duas casas geriátricas. Inclusive estive com ele quando faleceu. Ocorrido um ano após ter perdido meu pai que foi para mim muito doloroso.

M.C. – Tu sabes me dizer se alguma colega fez carreira artística na dança?

E.J. - Eu sei que a Sandra⁸ ficou um pouco na Tony mas não sei o quanto ela se desenvolveu a partir daí. A Sheila Silva e a Sayonara Pereira foram internacionalmente bem sucedidas, mas elas foram de outra época bem depois da minha. Tanto que elas não fazem parte de nosso grupo que se reúne regularmente, mas existe um outro de ex alunas mais jovens. Talvez façam parte dele.

M.C. – Então neste momento que vamos encerrar a entrevista deixo um espaço para fazeres um registro final.

E.J. - Na realidade as coisas importantes eu já relatei ao longo da entrevista, como o desenvolvimento físico/emocional através da dança. Também disciplina, auto controle, perseverança, aceitação, enfim uma série de valores importantes em todos os aspectos da vida também foram apreendidos através dos ensinamentos e exemplo de nosso querido e saudoso Mestre.

M.C. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]

⁸ Nome sujeito a confirmação.